

**O
ADEUS**



**DE
LAUDO**



A MEMORAVEL REUNIÃO DO CD



Foi no dia 10 de abril de 1972, que se registrou a memorável e inesquecível homenagem do Egrégio Conselho Deliberativo do São Paulo FC. Pela primeira vez, na história do tricolor do Morumbi, uma reunião com o fim especial de se homenagear a figura de um dirigente: Laudo Natel, seu presidente. Dela participaram quase todos os 180 conselheiros do "Mais Querido", prestigiando, assim, a figura do extraordinário presidente que o clube pôde ter em suas fileiras desde o ano

de 1952. Por propositura do Benemérito Manoel Raimundo Paes de Almeida, ficou decidida a reforma dos estatutos do clube, pelo Egrégio Conselho Deliberativo, magnificamente presidido pelo dr. Valdemar Mariz de Oliveira Junior, a fim de se poder outorgar a Laudo Natel, o título de GRANDE PATRONO. Na gravura flagrantemente do acontecimento, vendo-se ao alto a mesa que presidiu os trabalhos e, em baixo, os conselheiros que lá estiveram.





O FESTIVAL DA GRATIDÃO

Representando os são-paulinos da "Velha Guarda", quem primeiro dirigiu a palavra ao presidente do tricolor, na noite da sua despedida, foi o General Porphirio da Paz. Foram palavras que saíram do fundo do seu coração. O seu discurso foi este:



Meu honrado Governador — Dileto e querido amigo Laudo Natél e dignos componentes da mesa.

Entre outras grandes batalhas que o nosso século contempla há uma que se alteia por ser, como podemos dizer: a fonte geradora da sociedade, a formadora dos homens e esteio básico da pátria: é a batalha da família. Ela é um ponto de convergência dos debates sociais, das questões morais, das opções filosóficas e das concepções de vida. O desejo do homem é alcançar a alegria do coração, pois, a alegria dos passatempos é fugaz e é exterior, enquanto a outra interior é suave e vai até o fim da vida. Na alegria do coração que o homem procura e encontra, estão sem dúvida, as suas inseparáveis irmãs: A seriedade, a postura vertical da honra, o sentido luminoso da vida, seja essa dura ou feliz. A alegria verdadeira é aquela que nasce nas profundezas do nosso coração, e é justamente ali é que Deus habita; sim, procura-se Deus no firmamento e em toda a parte. No entanto Ele está na essência de cada ser. Assim pensando, meu caro Laudo, hoje voce recebe, de toda a família São-paulina, o grande festival de gratidão. Sim, da gratidão, pois é como disse Cícero: nenhum dever é mais importante do que o da grati-

dão. Ela é a "memória do coração" como a definiu Massieu — O grande pensador. Penso, humildemente, estar falando em nome dos velhos fundadores, da velha guarda: a turma heróica da fundação que agasalhava um ideal de amor: ver mais tarde, com sangue novo e igual amor, um São Paulo Futebol Clube, grande, respeitado e erguido a esse pedestal, pelo trabalho e sacrifício de todos os que o amam. O prêmio do Criador é ver a criatura feliz. Vinte anos de constância no dever nos postos de direção, coroam a sua obra inestimável na vida do nosso clube. Seis como tesoureiro e catorze como presidente, e, que presidente caro Laudo. Autêntico nos sentimentos de amor, devotamento e carinho; exemplar na conduta serena e imperturbável no comando, quer nas alegrias quer nas vicissitudes. Hoje não é o ponto final da grande caminhada, mas, sim, uma pausa para o grande viajar, que deixam uma esteira luminosa de exemplo e um monumento de trabalho impar, que Deus e Nossa Senhora Aparecida — a consagrada padroeira da Pátria — O abençoem e iluminem os seus caminhos, os seus entes queridos, e sobretudo, ó consagrem, pelas qualidades excelsas da sua pessoa, um padrão de honra e dignidade de nossa terra.

O S. PAULO NÃO ESTÁ SE DESPEDINDO DE LAUDO

Após cumprimentar o general Porphirio da Paz, pelas suas palavras brilhantes, o presidente do Conselho Deliberativo do "Mais Querido", dr. Valdemar Mariz de Oliveira Junior, anunciou a figura do dr. Piragibe Nogueira, primeiro presidente do São Paulo FC após a fusão com o Estudante Paulista, para saudar a figura de Laudo. Suas palavras aqui estão:



Orador improvisado é para mim uma honra saudar Laudo Natel em nome do Conselho Deliberativo deste São Paulo, cuja vida se insere tanto na do seu líder maior que seria impossível falar de uma delas isoladamente.

O São Paulo da floresta morreu de anemia financeira aguda em 1935. Mais que meios faltou-lhe o sangue generoso dos que veem no esporte saúde, alegria e comunicação. São-paulinos ardorosos, como Menzen e Porphirio, preservaram-lhe o nome. Sem praça de esportes, dispendo de um reduzido grupo de atletas e praticamente sem sede, empenharam-se eles pelo interesse e pelo apoio popular, procurando unir o escudo tricolor à bandeira das treze listas na evocação da grandeza de São Paulo. Mas a própria imagem do que fora o São Paulo da floresta fez com que muitos não aceitassem aquele conjunto modesto como guardião do nome que fora glorioso. E não fo-



ram poucos os que lhe contestaram o direito de fazê-lo.

Chamavam-no "São Paulinho".

As mãos de Cassio Villaça trouxeram para o São Paulo o "Estudantes" e com ele um grupo de bons jogadores. Absorvendo o "Estudantes" em 1938, pôde o São Paulo montar uma boa equipe, passando a obter resultados que o destacavam.

Iniciava-se a fase de capitalização de prestígio e popularidade que seriam armas para lutas futuras. Evoquem-se Cassio Villaça, José Godoi e o campo emprestado da rua da Moóca. Revigorava-se a imagem popular do clube e a torcida reaparecia. A equipe passou a fazer frente aos "grandes" e aparentemente a ser um deles. Mas apesar dos esforços dos seus dirigentes, o São Paulo não conseguia firmar-se financeiramente. Compromissos vencidos e a vencer ameaçavam-lhe a existência. Décio Pedroso, Paulo de Carvalho, Nelson Fernandes, Ro-

berto Pedroza, Tomaz Mauri foram os que mais destacaram nessa fase. Graças a eles, principalmente, é que o São Paulo pôde em 1942 instalar-se no Canindé e em 1946 adquiri-lo. Naquela modesta praça de esportes as cores são-paulinas iniciaram uma fase notável de recuperação do atletismo paulista então estagnado. E o São Paulo o fez enfrentando até a subnutrição da maioria dos que nele praticavam o esporte base. Foi campeão estadual de atletismo tantos anos seguidos que dificilmente a série poderá ser repetida. E no futebol, que era e continua sendo a razão maior de sua existência, conquistou vários campeonatos, mantendo viva a fé sampaulina e alto o seu prestígio popular.

Contava então com o Canindé. Mas continuava financeiramente um enfermo crônico. O contraste entre a imagem popular de "grande" e a realidade material definiu-a Pedroza comparando o São Paulo, de então, com um pórtico barroco de proporções faraônicas abrindo-se para um espaço vazio.

Faltavam ao São Paulo patrimônio e saúde financeira, ainda assim disputava em 1950 o tri-campeonato paulista, título que lhe foi usurpado



pelos vendilhões do futebol. Dois anos depois punha em destaque o atletismo brasileiro com uma marca mundial. Sentiram então os que formavam o cerne da grei são-paulina que era imperioso ultrapassar aquela fase. E iriam fazê-lo a partir de 1952. Surgia então no São Paulo promovido da torcida para a direção e como tesoureiro, mercê de suas atividades profissionais, um moço que contrastava o aspecto tranquilo com o dinamismo e a eficiência de suas decisões: era Laudo Natel.

Logo passou ele a liderar um grupo disposto a uma arrancada mesmo que fosse necessário carregar o São Paulo nos ombros.

O São Paulo teria que ser "grande" para representar dignamente o maior Estado brasileiro, do qual no esporte empunhava o nome.

Formava-se no São Paulo a "turma da sela" com tres grandes líderes: Cícero, Laudo e Manoel Raimundo. O lema desse trio era "fazer o difícil na hora e o impossível um pouco depois". Cícero, o calmo e obstinado lutador, teve a vida precocemente ceifada por moléstia inexorável. Seu desaparecimento aumentou a responsabilidade de Laudo e de Manoel Raimundo.

Laudo galvanizava a turma da sela garantindo que o patrimônio potencial que o São Paulo possuía no seio do povo seria transformado um dia em cimento, ferro, vulto arquitetônico e até mesmo em campeonatos, era o impossível e o impossível foi feito.

Tornou-se realidade o estádio "Cícero Pompeu de Toledo". A empresa era para alguém "fora da série" e Laudo é.

O São Paulo chegava ao Morumbi em 56, quando havia muito ainda por construir. Durante a longa fase da construção, manteve o seu futebol em posição honrosa mas só

em 57 conquistou um campeonato. Em termos de futebol não foram poucos os que afirmaram que o estádio, absorvendo sua direção, acabaria por soterrar o nome e o prestígio do clube. Suportar incompreensão, indiferença e mesmo hostilidade não foi fácil. Em várias oportunidades elas surgiram dentro da própria agremiação. Manoel Raimundo foi muito visado. Laudo aceitava as críticas, mesmo as agressivas, com a tranquilidade que lhe é peculiar. Sem temê-las, sempre soube escolher na hora difícil a decisão mais oportuna.

Ao se aproximar o término do estádio a equipe de futebol passou a dar provas de que mantivera sua potencialidade. A direção soube preservá-la. Em 71 bi-campeão paulista e vice-campeão brasileiro e agora representando o Brasil na Taça Libertadores, vê o São Paulo, já há três anos seus prélios mais festivos, porque meninos e adolescentes destacam-se nos gritos de guerra da torcida, agitando bandeiras e flâmulas. Essa alegria de ver o São Pau-

lo renascido nos corações jovens Laudo já antecipava, quando nas agruras da luta pelo estádio percebia animos arrefecidos. O São Paulo de hoje caminha firme no bloco de vanguarda do esporte brasileiro. Equilibrada posição financeira e considerável patrimônio permitem-lhe planos que ampliarão ainda mais seus horizontes. Sabem seus dirigentes que ainda há muito para realizar especificamente no setor social, onde alguns têm demonstrado certa inquietude. A evolução desse setor virá a seu tempo e graças aos valores que para tanto a intuição de Laudo já aglutinou.

Dessa capacidade que Laudo tem para revelar valores Henri Aidar é mais um exemplo. Em 57 Laudo foi busca-lo na oposição porque oposição que ajuda a construir foi sempre desejada e cultivada por ele.

O impressionante e polimorfo dinamismo de Henri Aidar tem sido tão útil ao São Paulo que o Conselho Deliberativo resolveu convidá-lo para continuar substituindo Laudo Natel na presidência do clube. A



confiança que Henri Aidar tem no apoio de seus companheiros do Conselho Deliberativo, presidido por esse dinâmico Waldemar Mariz que se faz presente em todas as atividades do clube, tornaram a indicação irrecusável. Apenas ressaltou que apesar de que estatutariamente o torneio presidente, na realidade será e orgulhosamente o vice daquele que transformou a agremiação, de modesta e instável, no São Paulo de hoje que abraça os que tinham saudade de ontem e os que tiveram esperança no amanhã.

Laudo integrou-se no São Paulo há 20 anos. Tesoureiro durante 6 manteve o clube sempre de pé, embora o equilíbrio fosse as vezes bastante instável. A despesa teimava sempre em ser maior do que a receita. O futebol profissional exigia, como continua exigindo, verbas aleatórias. Criatividade para obtê-las foi um dos seus grandes méritos e não menor foi o de dar tranquilidade aos que se desesperavam.

Manoel Raimundo, Marcel Klaskô e também Cesar Dias podem testemunhar quanto a posição de tesoureiro deixa a desejar em matéria de comodidade. E foi nela que ao longo de seis anos Laudo amadureceu os planos que dariam novas dimensões ao São Paulo.

E vieram os 14 anos em que liderando a turma da sela Laudo Natel agigantou-se, etapa por etapa, nas realizações que o tornaram o líder maior da história do clube. As cadeiras cativas, os títulos patrimoniais e depois o carnet Paulistão tinham tomado formas definidas no Morumbi e o estádio chegava ao seu termo. O creativismo de Laudo Natel chegou até a influenciar os planos da direção de outras agremiações.

E consagradora votação elegeu Laudo Natel vice-governador do Estado de São Paulo em outubro de 62

e Laudo foi o governador do Estado de 6 de junho de 66 a 31 de janeiro de 67. Em oito meses, que constituíam um período de dificuldades a desafiar os mais experimentados, Laudo conquistou a simpatia e a confiança dos paulistas e dos brasileiros. Em oito meses recuperou e realizou por quatro anos de governo.

E durante aqueles oito meses não se afastou de fato do S. Paulo, onde a inteligência e a operosidade de Manoel Raimundo mantiveram o seu roteiro típico de somar esforços.

O que pode ser dito de sua conduta como supremo mandatário no atual período é que ela vem comprovando que a alegria do povo ao receber, em outubro de 70, a notícia da recondução de Laudo Natel ao governo do Estado era a alegria de uma aspiração alcançada.

Laudo, não é meu intento traçar nesta oportunidade o seu perfil de grande cidadão, de administrador seguro e de político formado no humanismo cristão. São tantas as suas qualidades. Reafirmo, entretanto, que de todas elas a que mais sensibiliza é a naturalidade. Nas condicionais de Rudyard Kipling para perfeita integração social do homem está a de "se aproximar dos reis sem perder a naturalidade"

Governador pela segunda vez do mais importante Estado brasileiro, Laudo nunca perdeu a naturalidade e, ainda mais, nunca se afastou dos humildes. No epíteto carinhoso "governador caipira" é o que o povo quer dizer.

O São Paulo Futebol Clube não está se despedindo do maior dos seus presidentes, nem Laudo irá realmente se afastar dele.

Sem presidí-lo pelo estatuto, Laudo continuará a presidí-lo pelo ditame de todos os corações sampaulinos.

São Paulo, 10 de abril de 1972
Piragibe Nogueira



“JAMAIS VACILASTES NO CUMPRIMENTO DO FANTASTICO PROGRAMA”

Após haver o dr. Piragibe Nogueira, recebido os aplausos pelo seu brilhante discurso, foi ainda o dr. Waldemar Mariz de Oliveira, quem anunciou a palavra do dr. Henri Couri Aidar, que em nome de seus companheiros de diretoria saudaria Laudo Natel. Foi este o discurso do futuro presidente do São Paulo FC :

Senhor Presidente Laudo Natel
Senhor Professor Waldemar Mariz de Oliveira Jr.

Digníssimo Presidente do Conselho

Senhores Conselheiros
Meus Senhores

Concedei-me, antes de mais nada, o privilégio de falar em nome da Diretoria do São Paulo F. C.

É em tal qualidade, e mais na de amigo, que me dirijo ao ilustre homenageado deste encontro, cuja transcendência ficará incorporada, para sempre, aos anais do esporte pátrio.

Presidente Laudo Natel: a carta que encaminhastes à altiva comunidade são-paulina dá-nos conta do vosso desejo de deixar a Presidência do clube, depois de lhe haverdes dedicado 20 anos de trabalho, de esforço e de sacrifício. Foram 20 anos de amor, foram 20 anos de entrega total aos ideais que alimentastes — e 20 anos, em qualquer circunstância, constituem parcela respeitável de uma existência. No vosso caso, porém, esses 20 anos valem por

toda uma vida. E se alguma dúvida tiverdes, olhai em torno de si.

Olhai, sim, em torno de si, Presidente. Observai à vossa volta, Presidente. Buscai as pessoas todas que lotam este auditório, Presidente. O que é que vedes? O São Paulo F. C. por inteiro, o São Paulo F. C. em feitio maciço.

Sim, é o tricolor que se apresenta diante de vós, com a majestade esplêndida dos elementos representativos das tres etapas decisivas que o nosso clube já viveu, ou vive ainda. São os homens de ontem que aqui acorrem, trazidos pelo desejo insopitável de vos render merecido tributo de admiração, convictos de que o sonho que eles sonharam — e como souberam sonhá-lo! — encontraram, na vossa capacidade de bem fazer, o elemento catalizador, que transformou quimeras em realidade. Ativos, atuantes e participantes, esses magníficos portavozes da própria história do São Paulo F. C. quizeram, com sua presença neste magno acontecimento, dizer que vos reconhecem e vos aplaudem, como líder e como condutor, mas

também como amigo.

São, além deles, os companheiros da chamada geração intermediária, hífen humano a ligar épocas distintas, porém nunca estanques, que estão aqui. Graças a tal pugilo de bravos, eventuais ameaças de solução de continuidade na trajetória do São Paulo F.C., foram cortadas e — esta é a realidade — na permanência da nossa associação, na constante presença nossa na colorida paisagem esportiva de São Paulo, do Brasil e do mundo. Não permitiram que a bandeira caísse, nem sequer que fosse arriada do mastro, porque compreenderam que a pujança do nosso clube era um imperativo do destino de todos, e de cada um em particular.

E não faltam aqui, por mercê de Deus, os que se deixaram atrair pelo fascínio do tricolor em tempos mais recentes, já sob a égide do monumental Estádio "Cícero Pompeu de Toledo", quer no seu nascedouro, como projeto, quer no portentoso espetáculo arquitetônico engastado na paisagem urbana da metrópole.

Portanto, Presidente Laudo Natél, não erro nem me equívoco, quando digo que o São Paulo F. C. está aqui, cercado-vos de são-paulinos por todos os lados, são-paulinos que se envaidecem de vossa amizade, trazendo-vos a unanimidade de um julgamento irrecorrível: o de que soubestes, deveras, ao longo dos 20 anos de vossa profícua gestão, somar e aglutinar, incorporando forças às vezes distintas, mas não estanques.

Com o pensamento voltado para o superior interesse do São Paulo F. C., conseguistes o quase milagre da união. Pouco importa que vez por outra surgissem discordâncias, ou que polêmicas episódicas movimentassem o pleno exercício de vossas atribuições. Elas nunca vos visaram — a vós, que fizestes de cada

um, um amigo — e, pois, não vos atingiram. Eram manifestações válidas, porque saudáveis, de um organismo vivo, estuante de vigor. E afinal, Presidente, desse intercâmbio democrático de pontos de vistas divergentes é que brotaram, sob o vosso comando, as conquistas impecáveis do nosso clube.

Ouí de vós, com emoção, em oportunidade para mim tão grata (a do jantar com que me distinguiram, e ao qual compareceste para me honrar com o prestígio de vossa presença), ouí de vós que também, eu, "irriquieto, porém idealista", fora chamado a trabalhar convosco na diretoria do São Paulo F. C., e atendera de pronto a esse convite. Na verdade, em termos de dirigentes, estamos juntos desde 1957. E o meu, como sabeis, não constitui um caso isolado.

Dissestes na vossa carta de afastamento voluntário da Presidência: "Acredito que possa ter cometido equívocos. Em nenhum momento tive vacilações"

Não concordo com a primeira, mas proclamo a procedência da segunda frase. De fato, não vacilastes no cumprimento do amplo, generoso, quase fantástico programa que vos impuzestes: na concretização das elogiáveis ambições tricolores alimentadas pelo nosso saudoso Cícero Pompeu de Toledo. Vossa obra administrativa é suficiente para consagrar qualquer história, de qualquer clube, em qualquer lugar do globo. Aí está o nosso complexo poli-esportivo, e abrigado em casa própria, que não é casa, porque é palácio: O Estádio do Morumbi. Estão aí, nos anais, os títulos que lograstes trazer para o patrimônio tricolor. E, sobretudo, aí está a grande família são-paulina, reunida em torno de vós, numa afirmação enfática de que sois o chefe e amigo, e chefe e amigo querido continuareis

a ser, "par droit de conquête".

Nestes dois últimos anos, Presidente, por força do vosso licenciamento, cumprí o que me impunha o dever estatutário. Procurei substituir-vos, exercendo interinamente a Presidência. Mas faço questão de afirmar que, nesse período, busquei ser um reflexo espontâneo e, portanto fiel das vossas diretrizes, da vossa filosofia de trabalho, da vossa maneira de encarar as responsabilidades do posto. No cargo supremo da nossa grei, mirei-me no espelho do vosso exemplo, procurando sintonizar minha ação com a herança que vós legastes ao clube. Não inovei, nem quiz fazê-lo.

Recompensa maior não haveria, para mim, senão essa: a de ter seguido vossa orientação, por achá-la certa, e dirigida no caminho exato. Aliás, entre são-paulinos cujos corações pulsam em uníssono pelo nosso grêmio, não teria mesmo sentido uma divergência qualquer, na escolha da estrada a palmilhar. Acresce notar que essa estrada era a do roteiro que imperava, e conti-

nuou imperando nestes dois últimos anos, porque nascido dum somatório de experiências, felizmente representadas por sucessos e por êxitos.

Presidente. Não direis, deveras, adeus ao são-paulino que sois, nem aos são-paulinos que vos apoiam, como escrevestes na vossa carta. Mas também não retornareis, como consta do documento, ao vosso lugar de origem, entre a torcida.

Certo é que pertencer à nossa torcida vale, de per si, por um dignificante galardão. Mas acontece que vossas insígnias de comandante não vos concedem o direito de voltardes no tempo, nem na carreira. Vosso bastão passará, porque assim o desejais, a outro punho. Mas uma réplica desse símbolo de chefia permanecerá sempre convosco, Presidente — e será também guardada na gratidão e na estima que lhe devotam os são-paulinos de ontem, de hoje e de amanhã. São-paulinos que vos dizem, pela minha voz — eles, os vossos amigos são-paulinos: até sempre, Presidente!





«— QUANTO LHE DEVE O SÃO PAULO, LAUDO...»

Quando o dr. Henri Aidar terminou seu discurso, bastante aplaudido, o presidente do Conselho, dr. Waldemar Mariz de Oliveira Junior, anunciou então o benemérito são-paulino, Manoel Raimundo Paes de Almeida, para saudar o homenageado. Aplaudido de pé por todo o Conselho, em seu discurso Manoel Raimundo disse :



Excelentíssimo Senhor Presidente do Egrégio Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube.

Excelentíssimo Senhores componentes da Mesa deste Egrégio Conselho.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Diretoria, nobres Diretores, caros amigos e companheiros de Conselho.

Meu caro amigo Laudo, Governador de São Paulo, Presidente do São Paulo, companheiro de tantas lutas...

Dispense, Laudo, o tratamento de excelência, porque queremos falar ao amigo.

Dispense as formalidades, a etiqueta, porque queremos falar ao companheiro.

Nós o conhecemos como homem simples, avêso ao formalismo e às mesuras, e é a esse homem simples que vamos falar neste momento.

Nunca, em sua história, o Egrégio Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube se reuniu, como nesta oportunidade, e com o objetivo que congrega aqui, nesta noite, todos estes seus amigos.

Queremos, Laudo, que esta noite se torne histórica, porque há de traduzir a imensa gratidão de toda a coletividade são-paulina aquele que foi, estamos certos, seu maior líder, seu grande guia e o construtor do seu futuro.

Do que nasceu o São Paulo, Laudo?

Em que solo foi plantada a sua semente?

Que mãos a regaram e dela cuidaram por tantos anos, até que se tornasse a árvore gigante de hoje?

Eu diria, Laudo, que o São Paulo nasceu do amor, dessa paixão inexplicável que o esporte desperta em cada um de nós, sem distinção de raça, credo ou posição social.

Ao amor são-paulino, à paixão são-paulina, devemos acrescentar, também, a FÉ são-paulina, a retidão do caráter são-paulino, a não permitir que o excesso de paixão, tão comum e compreensível, sufocasse ainda no solo a semente dos nossos ideais.

Como cresceu o São Paulo, Laudo?

Aquí eu responderia às gerações futuras, àqueles que nossos herdeiros no amor por este clube, talvez não tenham olhos para o passado, para as agruras, para as lutas às vezes quase desesperançadas, dos iniciadores de sua história.

Eles talvez não venham a saber onde, quando e como surgiu e se alicerçou essa nunca negada grandeza

moral do São Paulo. Mas nós, Laudo, sabemos que é a soma do amor e da grandeza moral dos fundadores deste clube, porque um clube é o que são os seus homens, nunca apenas as cores simbólicas da sua bandeira ou o tamanho e valor do seu patrimônio.

Os que virão, Laudo, haverão de saber ler, contudo, o seu nome em cada lance de cimento armado do nosso estádio, em cada viga que sustenta o nosso conjunto social e, porque não dizer também, em cada cor da nossa gloriosa bandeira.

E alguém haverá de contar a eles, Laudo, a história de um moço simples, modesto e trabalhador, que um dia de grandes incertezas quanto ao futuro deste clube, um outro grande são-paulino, o inesquecível Cícero Pompeu de Toledo, foi buscar em



sua mesa de trabalho, em seu banco, para entregar-lhe um bastão que, por seu peso, parecia destinado a cair.

Isso aconteceu em 1952 e talvez tenha sido, dentre os grandes serviços prestados ao nosso São Paulo pelo saudoso Presidente de Honra, Cícero Pompeu de Toledo, o maior deles: o de tê-lo trazido, Laudo, para formar na diretoria do São Paulo Futebol Clube, entre os homens que, obstinados no seu amor, teimavam em manter de pé, ereta, a árvore que a borrasca financeira ameaçava arrancar do solo das nossas esperanças.

Voce trabalhou, lutou, perseverou. Já era um líder, quando Cícero Pompeu de Toledo, com seu estado de saúde agravado, indicou-o para a Presidência do nosso São Paulo.

Foi em 1958, Laudo. E, voce vencendo, o São Paulo venceu.

Não nos lembramos, Laudo, de um só momento, em que voce tenha colocado a paixão acima da razão. Não nos recordamos de um só instante, em que voce tenha abandonado o caminho traçado, a reta estabelecida e projetada com tirocínio e bom senso, para enveredar pelos meandros que poderiam satisfazer aos críticos e descontentes que não tinham olhos para o futuro, mas que, certamente, não atenderiam aos supremos objetivos e ao sonho maior do São Paulo.

Enfrentou, sempre com a galhardia dos tranquilos e conscientes, os perigos da impopularidade, sempre que isso se fez necessário.

Quando foi preciso arrôjo, arrojou-se com a disposição dos fortes.

Desde a primeira pedra dos alicerces do nosso estádio, até a última pá de cimento, esteve vigilante, atento, irredutível no propósito de

levantar esse patrimônio que eternizaria nosso clube e que daria ao mundo a prova maior e irrefutável

do valor, do despreendimento e da capacidade de trabalho da gente são-paulina.

Quanto lhe deve o São Paulo, Laudo...

Quanto lhe devemos todos nós, que tivemos o privilégio de formar a seu lado.

Voce sempre diz que, se algum mérito teve, em tudo isso, foi o de ter sabido, sempre, escolher sua equipe, seus companheiros.

Talvez tenhamos mesmo, todos, muitos méritos, sim. Mas, Laudo, é sabido do quão importante é o comando, a liderança, para a vitória em qualquer batalha.

Hoje o nosso São Paulo é isso que vemos: um clube poli-esportivo asentado sobre bases indestrutíveis. Os temporais que ontem nos fizeram tremer, já não nos assustam mais. Os que vêm de fora, não acreditam nos próprios olhos, quando, admirando o monumento tricolor, ficam sabendo que foi erigido com as nossas próprias forças.

O Presidente da República, Laudo, esse ilustre patrióta, Emilio Garrastazú Médici, hoje admirado e amado por todos os brasileiros, também nao escondeu seu espanto diante do que aqui foi levantado. E quando ele disse, Laudo, que "o Brasil devia contar com maior número de dirigentes como voce", ele estava interpretando o pensamento de todos que o conhecem.

Mas, Laudo, por tudo isso, por todas as suas virtudes, de homem e de administrador, o São Paulo, por quem voce tanto fez, acabou por perdê-lo.

Já uma vez isso havia acontecido, quando voce assumiu o Govêrno do Estado pela primeira vez.

Voltou a acontecer há tempos atrás, quando voce voltou a ocupar o mais alto cargo administrativo do Estado, com os aplausos da grande maioria da população.



Se já não tivéssemos tantos motivos de orgulho do nosso Presidente, esse foi mais um.

Mas, o que devemos dizer-lhe agora, Laudo? Um até breve? Adeus?

Voce sabe, e estou certo de que falo em nome de todos nós, que seu lugar no São Paulo é perpétuo, porque voce é o Presidente Perpétuo do São Paulo Futebol Clube. Os anos não apagarão os passos da sua passagem pelo clube, nem o tempo fará esquecer seus feitos.

Contudo, devemos reconhecer que, se é verdade que alimentaremos sempre a esperança da sua volta, também somos forçados a compreender que ela se tornará cada vez mais difícil, na medida em que o Estado e a Nação precisarem de voce.

O São Paulo é um grande clube, mas não é maior do que o Estado. Nossos problemas são grandes, mas não maiores do que os do nosso povo e do nosso País.



Alguma coisa nos diz Laudo, que voce alçará vôos maiores, impulsionado por esse desejo de bem servir, que em voce é nato. Alguma coisa nos diz que sua missão, como homem público, não terminará com o seu mandato de governador deste Estado.

Por isso, e ainda que a contragosto, o São Paulo Futebol Clube abriu mão do seu maior valor. Voce já fez tanto pelo clube, já construiu tanto, que seria egoismo nosso pretender segurá-lo.

Mas também não vamos dizer adeus, porque sabemos que, esteja voce onde estiver, e seja qual fôr sua luta, seu pensamento e seu coração estarão conosco, vibrando, pulsando, torcendo para que não deixemos cair a bandeira que voce conduziu com tanta galhardia.

Ela não cairá, Laudo, porque os que aqui ficam têm um exemplo a seguir: o seu. E os que aqui ficam acham que a palavra melhor, para lhe dizer agora, é um OBRIGADO.

E esse OBRIGADO vai na melhor forma que encontramos, para que seja perpétuo o nosso reconhecimento e o de todos os são-paulinos, como perpétua é a obra que voce aqui deixou.

Este Egrégio Conselho Deliberativo lhe outorga neste instante, amigo, companheiro e Presidente LAUDO NATEL, o título que ficará constando nos Estatutos, na reforma que será feita, de "GRANDE PATRONO DO SÃO PAULO F. C."

Neste momento queremos, ainda, registrar nosso agradecimento à sua companheira e esposa, Dona Maria Zilda Natél, cujo carinho e compreensão nunca lhe faltou nestes vinte anos de luta em pról do São Paulo.

Uma placa de ouro, com a maquete do estádio gravada, e um distintivo de brilhante, é o presente que os seus companheiros do Con-

selho lhe entregam neste momento, em nome de todos os são-paulinos, por intermédio do dr. Frederico Menzen, fundador do São Paulo Futebol Clube e nosso sócio número um.

É o Presidente Benemérito entregando ao GRANDE PATRONO DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE um mimo que, esperamos, eternizará em sua lembrança esta noite em que o São Paulo presta uma homenagem que, por mais que nos tenhamos esforçado, não terá, jamais, a grandeza do nosso homenageado.

Laudo Natel, Deus que o acompanhe em toda a sua vida.

GRANDE PATRONO DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, estas portas estarão sempre abertas, a sua espera.

Nós nos orgulhamos de voce, Laudo Natel.







“VOLTO AO MEU LUGAR DE ORIGEM”

As palavras de Manoel Raimundo Paes de Almeida, foram a gota d' água que fizeram aquelas duas represas que Laudo Natel tem no rosto ficarem cheias... Tão emocionado ficou o presidente que não tinha condições de falar. Ainda assim ponderou:

- Eu sabia, estava quase adivinhando que não teria condições para dirigir a palavra ao Egrégio Conselho num instante como este. Foi por isso que fiz a mensagem dirigida a cada um de vós são-paulinos. Agora só posso dizer uma coisa: Muito, Muito, Mas muito obrigado.

A mensagem que o presidente Laudo Natel encaminhou aos são-paulinos foi esta:

Prezados amigos,

Honrado pela confiança dos são-paulinos, venho ocupando, desde 1958, a Presidência do nosso Clube, após tê-lo servido, como diretor, de 1952 àquela data. Vinte anos, portanto, marcam a minha atividade diretiva, ao longo dos quais sensíveis transformações apresentou a fisionomia do São Paulo Futebol Clube.

É chegado o momento de entregar a Agremiação a outras mãos. Antes, porém, quero dizer ao são-paulino o quanto fui distinguido pelo calor do seu incentivo e pela colaboração inestimável que recebi nessa longa jornada.

O prestígio, a fôrça moral e a popularidade do nosso Clube contrastavam com a sua modéstia financeira e patrimonial. O anseio generalizado de nossa gente, de manter o futebol em altos níveis, ao lado do desenvolvimento social e poli-esportivo de nossa associação, exigia a construção de alicerces poderosos. Esses objetivos sintetizaram a filosofia do meu programa,

do qual não me afastei nunca, até que as metas, uma a uma, fossem atingidas e até superadas.

Quem se der à preocupação de lançar um olhar retrospectivo sobre o que se fez no São Paulo F. C. nas últimas duas décadas, não poderá deixar de reconhecer o imenso caminho percorrido, mercê do trabalho e da perseverança.

Entrego a direção do clube a mãos experientes e dedicadas, porém não me afasto dele. Desejo contribuir, o quanto possa, para que o São Paulo, dia a dia, se engrandeça e engrandeça, por consequência, o esporte de nossa terra.

A situação financeira é de rigoroso equilíbrio. A situação patrimonial é excelente. O clube nada deve e ostenta, nesse setor, situação de privilégio.

Tenho a convicção de que novas idéias, que vem sendo cultivadas e alimentadas nos últimos anos, poderão dar dimensões mais largas ao esporte e, especialmente, ao futebol profissional, cuja estrutura, entre nós, forçoso é reconhecer, está reclamando transformações.

A equipe de futebol, deixou-a sensivelmente reforçada, cumprindo as promessas feitas enquanto se construía o Morumbi: bicampeã paulista, vice-campeã nacional e forte candidata ao título do torneio internacional "Libertadores das Américas."

Acredito que possa ter cometido equívocos. Em nenhum momento tive vacilações.

Um agradecimento todo especial aos companheiros de Diretoria, das várias gestões, que constituíram magnífica equipe de trabalho. Uma palavra de gratidão ao Conselho Deliberativo, onde sempre encontrei apoio e incentivo. Um voto de saudade aos companheiros que se foram, simbolizando-os na figura inesquecível de Cícero Pompeu de Toledo. Um abraço ao generoso quadro social e à torcida do nosso clube, razão de sua própria existência.

Registro a convivência feliz com os homens que, ao longo desses anos, dirigiram Confederações, Federações e Clubes irmãos. Amealhei, entre eles, mercê de Deus, amizades preciosas.

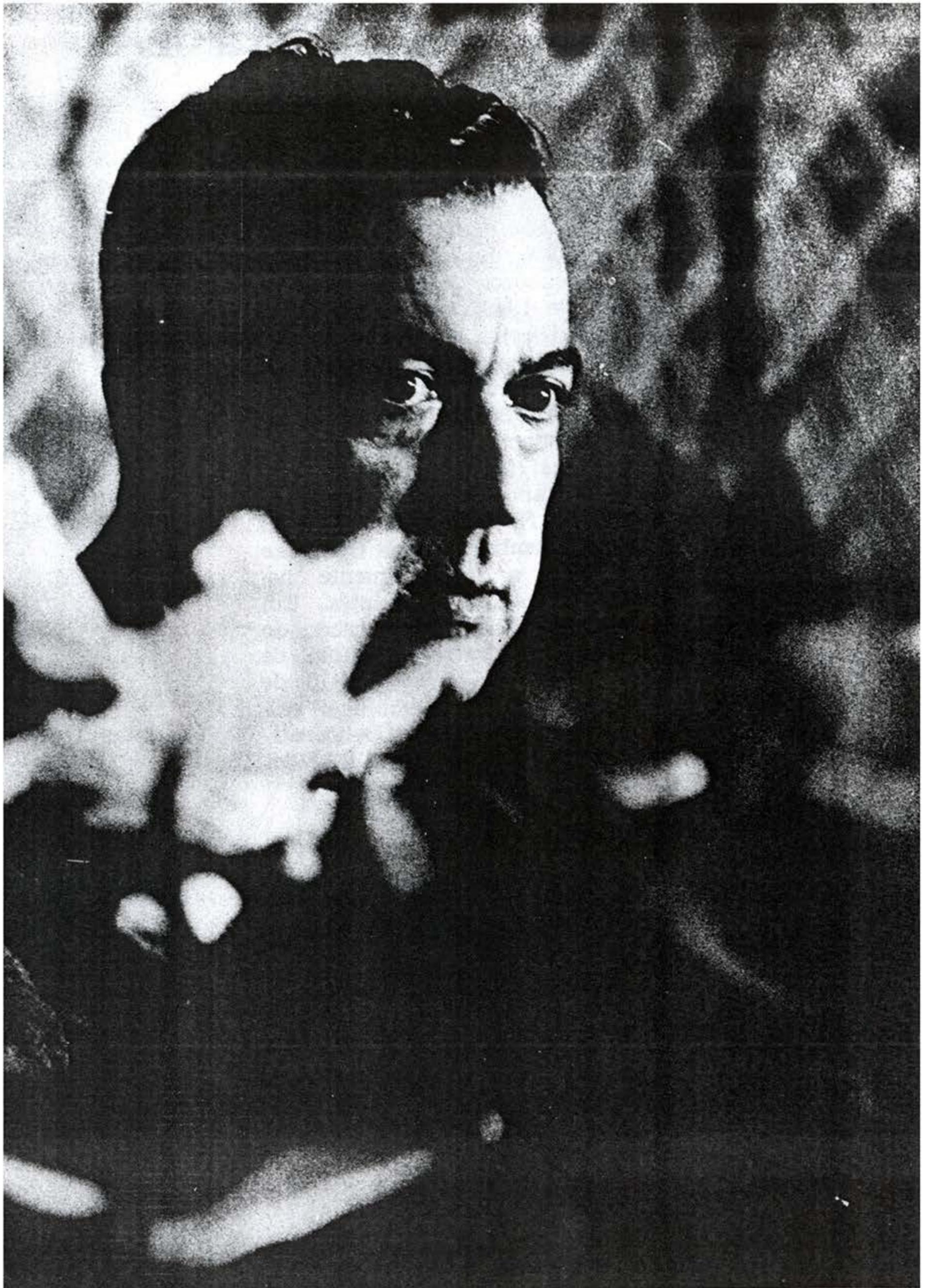
Injusto seria esquecer, neste momento, os órgãos de comunicação. Não teria palavras para traduzir o quanto fico devendo à imprensa, ao rádio, à televisão, ao cinema.

Aos homens da crônica especializada em esporte quero deixar um abraço carinhoso e agradecido pela extraordinária cooperação que me deram em toda a minha gestão. Agradeço o incentivo e a crítica construtiva, fatores decisivos para que o São Paulo chegasse onde chegou.

Não direi adeus ao são-paulino, pois retorno ao meu lugar de origem entre a torcida.

Rogo a Deus pelo futuro do nosso São Paulo, em que confio, e pela grandeza do esporte de nossa terra, em que acredito.





LAUDO NO "MAIS QUERIDO"

Nascido na cidade de São Manoel, Estado de São Paulo, a 14 de setembro de 1920, Laudo Natel entrou para os quadros do São Paulo FC no ano de 1946. Em 1-3-1952 foi nomeado Diretor de Finanças, cargo em que permaneceu até abril de 1958. Na reunião do Conselho Deliberativo de 30 de abril de 58 foi eleito presidente da diretoria, cargo para o qual foi reeleito, sucessivamente nos anos de 1960, 62, 64, 66, 68 e 1970. Na reunião de 10-6-1958 foi eleito membro nato da Comissão Pró-Estádio e sucessivamente nomeado nos mandatos seguintes. Em 26 de outubro de 1960 recebeu do Conselho Deliberativo o título de Sócio Benemérito e no dia 10 de abril de 1972, em memorável sessão do Egrégio Conselho Deliberativo, recebeu o título de GRANDE PATRONO.





**O
ADEUS**



**DE
LAUDO**